

ENUNCIAR PARA INTERAGIR: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE MATERIAL DIDÁTICO EM DISCIPLINAS DE CURSOS A DISTÂNCIA

ENUNCIATING TO INTERACT: A SEMIOTIC ANALYSIS OF DIDACTIC MATERIAL IN DISTANCE LEARNING COURSES

Tiana Andreza Melo Antunes

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul¹

RESUMO. O presente trabalho é uma tentativa de discutir questões sobre as interações que são realizadas nos cursos a distância por meio dos documentos produzidos pelos docentes no âmbito da Agência de Educação Digital e a Distância (Agead/UFMS). Em primeiro lugar, retomamos questões teóricas provenientes da semiótica de origem francesa (Fiorin, 2005, 2011; Barros, 2008), e selecionamos alguns conceitos essenciais para o objeto em questão, tais como as relações entre enunciador e enunciatário e o estudo dos regimes de interação (Landowski, 2014; Faria; Teixeira, 2013). Em seguida analisam-se exemplos de atividades produzidas pelos professores, a saber, enunciados dos fóruns, a fim de observar quais estratégias de produção são utilizadas para que tais materiais alcancem seus objetivos pedagógicos e façam os estudantes cumprirem as atividades propostas, ainda que, em certa medida, haja previsibilidade daquilo que os discentes encontram ao cursar as distintas disciplinas de seu curso. Conclui-se que, apesar de a produção conceder certo grau de liberdade aos docentes, é preciso saber escolher e explorar estratégias que despertem o querer-fazer por parte dos enunciatários, em especial, no gênero discursivo escolhido, bem como refletir se outros caminhos poderiam ser selecionados quanto à interação com o enunciatário figurativizado como estudante.

Palavras-chave: Semiótica francesa. Interação. Enunciação. Material didático.

ABSTRACT. The present work is an attempt to discuss questions about the interactions that take place in distance courses through documents produced by professors within the scope of the Digital and Distance Education Agency (Agead/UFMS). First, we return to theoretical questions from the semiotics of French origin (Fiorin, 2005, 2011; Barros, 2008), and we select some essential concepts for the object in question, such as the relationship between enunciator and enunciatee and the study of regimes of interaction (Landowski,

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil.

Tiana Andreza Melo Antunes

2014; Faria; Teixeira, 2013). Next, examples of activities produced by teachers are analyzed, namely, forum statements, to observe which production strategies are used so that such materials reach their pedagogical objectives and make students comply with the proposed activities, even if, to a certain extent, there is the predictability of what students encounter when attending the different disciplines of their course. It is concluded that, although the production grants a certain degree of freedom to teachers, it is necessary to know how to choose and explore strategies that awaken the want-to-do on the part of the enunciatees, in particular, in the chosen discursive genre, as well as to reflect on whether other paths could be selected regarding the interaction with the figurative enunciatee as a student.

Keywords: French semiotics. Interaction. Enunciation. Courseware.

1 INTRODUÇÃO

"Interagir", segundo o dicionário Houaiss (2010, p. 444), é um lexema definido como "1. agir afetando e sendo afetado por outro(s) 2. ter diálogo, comunicação (com outro) em dada situação; relacionar-se". E, a despeito de ser um conceito muito pertinente nas produções discursivas, desde as conversas cotidianas na modalidade oral até os textos escritos acadêmicos, destacamos alguns aspectos a respeito das relações de interação que ocorrem na produção de material didático para a educação a distância. Na condição de um enunciador, pelo caminho teórico concebido pela semiótica francesa, é necessário, portanto, levar em conta a existência de um enunciatário em tempo e espaço distintos daqueles concernentes à produção discursiva de tais materiais. E esse enunciatário, com seu poder interpretativo, nunca deve ser perdido de vista enquanto o fazer docente se realiza por meio dos distintos documentos que compõem uma disciplina a distância.

A partir da proposição de que quaisquer textos podem ser analisados pela semiótica francesa, entende-se que tal escolha pode elucidar algumas questões que envolvem essa prática docente, já que, conforme propõe Landowski: "Não há semiótica (nem nenhuma outra ciência humana ou social) livre de todo o compromisso com o sentido; e nenhum de nossos sistemas de análise deixa de estar contaminado, em maior ou menor grau, por seu objeto." (Landowski, 2014, p. 13)

O objeto em análise advém da "trilha de aprendizagem", utilizada nos cursos a distância da UFMS², que propõe, essencialmente, algumas etapas cumpridas em sequência, de modo que uma tarefa precisa ser feita para desbloquear a próxima, dentro de cada módulo e da disciplina como um todo.

² A ideia da trilha está exposta em <https://youtu.be/Uvqj4UTI0Fs?si=olz299RHuwDYyfH1>. Acesso em 23 ago. 2023.

Tiana Andreza Melo Antunes

Mais precisamente, pretende-se discutir a interação buscada em um gênero discursivo em especial - os fóruns de discussão.

2 A TEORIA SEMIÓTICA E A PRODUÇÃO DE SENTIDO

Desde a proposta inicial formulada por Greimas, no século passado, de que a semiótica é uma teoria de estudo da significação, muito se tem discutido e revisto o modo de analisar os distintos e múltiplos discursos que ocorrem nas mais diversas esferas da vida social. A metodologia semiótica propõe, em princípio, um caminho de análise que considera os patamares de construção de sentido, do mais abstrato ao mais concreto - o que se conhece como "percurso gerativo de sentido". Nesse percurso, todo plano do conteúdo parte de uma semântica mínima, ao colocar dois termos em oposição e valorá-los euforicamente ou disforicamente (nível fundamental); perpassa, a seguir, por um nível narrativo, em que sujeitos e objetos são postos em relação e se assume a existência de quatro fases da narrativa, a saber, a manipulação, a competência, a performance e a sanção; por fim, chega-se ao nível discursivo, mais concreto dos três, no qual residem tanto as relações entre enunciador e enunciatário como a utilização de temas e figuras que revestem os discursos.

Nossa intenção não é retomar as reformulações e inserções que foram produzidas em torno da metodologia inicial da semiótica discursiva, e, sim, dialogar com alguns de seus conceitos para entender os materiais didáticos. Um primeiro conceito central é o de enunciação, de modo sintético, entendido como "ato de dizer" e que comporta uma dupla formação: o enunciador, como instância pressuposta produtora de discursos e o enunciatário, que é o destinatário do discurso. Assim, "o enunciador define-se como destinador-manipulador responsável pelos valores do discurso e capaz de levar o enunciatário a crer e a fazer." (Barros, 2008, p. 62). No contrato estabelecido

Tiana Andreza Melo Antunes

entre ambos, cabe ao enunciador mostrar como o enunciatário deve interpretar o discurso. É, pois, nessa relação, que as escolhas do sujeito da enunciação refletem o caráter argumentativo que permeia todos os discursos, já que se fala sempre tentando convencer o outro a partir de uma intencionalidade do enunciador.

Para além dos caminhos trilhados pelo sujeito da enunciação dentro do nível discursivo de análise, se pode entender, em paralelo, como as interações propostas pelos quatro regimes explanados em Landowski (2014) auxiliam na compreensão dos sentidos discursivos. O autor parte, portanto, de dois regimes já amplamente estudados pela semiótica: a programação e a manipulação, respectivamente baseadas na regularidade e na intencionalidade. Chega-se, então, aos regimes de ajustamento e acidente, nos quais a sensibilidade e a aleatoriedade são, por seu turno, os pilares. Esses quatro regimes não estão isolados uns dos outros e é possível passar de um a outro, já que “a sua leitura deveria por conseguinte ser feita à maneira de um percurso, o qual se desenrolará em dois tempos: primeiro, a partir da zona do acidente rumo a da manipulação e, dali, seguindo até o regime da programação, ponto de chegada provisório. (Landowski, 2014, p. 81)

Ao abordar o segundo princípio, o da intencionalidade, uma interessante pergunta nos faz Landowski: “como saber o que leva o outro a agir, se ele não é nem uma coisa entre as coisas nem uma marionete?” (Landowski, 2014, p. 25). De fato, aí reside um grau muito menor de previsibilidade, uma vez que não se pode desvelar o interior do outro integralmente. Nesse escopo, a semiótica propõe há tempos quatro estratégias de manipulação possíveis (Fiorin, 2011): (a) a tentação, em que se oferecem valores positivos ao outro, alguma recompensa; (b) a intimidação, cujos valores são negativos, concernentes a uma ameaça; (c) a sedução, na qual o manipulador apresenta um juízo positivo sobre a competência do outro; (d) a provocação, que se traduz em um juízo

Tiana Andreza Melo Antunes

negativo, igualmente levando o outro a agir. Em resumo, na manipulação um sujeito vê o outro como um sujeito e não mais um objeto, atribuindo-lhe uma competência e nele encontrando espaços para adesão ao que é proposto.

A inevitabilidade pertencente ao regime de ajustamento, por sua vez, é muito mais forte do que na manipulação, pois “há efetivamente a permanente possibilidade de se encontrar transbordado, ultrapassado, atrasado em relação à cadência dos impulsos do outro [...] ou arrastado por seu ímpeto” (Landowski, 2014, p. 60). No ajustamento, duas sensibilidades entram em relação e os sujeitos buscam-se adaptar-se e realizar-se mutuamente. O último regime suscitado pelo estudioso corresponde ao acidente, cujo nome remete ao inesperado, cujas discontinuidades “nos colocam diante do sem sentido; excluindo toda possibilidade de antecipação, elas não nos oferecem moralmente segurança alguma: em uma palavra, elas nos afundam no absurdo.” (Landowski, 2014, p. 71). Por estar fundado na aleatoriedade e na fatalidade, entendemos que não se encaixa, propositadamente, no fazer pedagógico aqui estudado.

Se os regimes se destinam a explicar os modos de viver e ampliam os focos de análise semiótica, permite-se, em função da complexidade que guia esse “estar no mundo”, dizer que a manipulação pode levar à programação enquanto o ajustamento ao acidente, colocando as duplas mais estáveis *versus* as menos controladas.

Interessa-nos, a partir de agora, verificar como esses conceitos advindos da semiótica podem nos auxiliar na análise de materiais didáticos para cursos a distância, sobretudo porque no âmbito didático no qual se inserem estão fortemente vinculados a fazer o outro fazer, já que, separados no tempo e no espaço (físico), docentes e discentes devem, cada qual, agir sobre o processo de aprendizagem e, nessa interação, “Os sujeitos em relação, colocados em

Tiana Andreza Melo Antunes

presença, estão interligados porque comungam interesses comuns e se reconhecem em um dado contexto, em um mesmo campo discursivo." (Faria; Teixeira, 2013, p. 199).

3 ANÁLISE DOS MATERIAIS: UM OLHAR SEMIÓTICO

Na proposição pedagógica dos cursos de graduação ministrados por meio da Agência de Educação Digital e a Distância (Agead/UFMS), propõe-se uma trilha de aprendizagem, na qual os estudantes devem realizar um percurso e têm liberdade para realizar as tarefas propostas em seu tempo – já que são assíncronas –, entretanto, não podem optar por não as realizar, uma vez que uma atividade não feita impede uma próxima tarefa de ser aberta e realizada.

Vale pôr em relevo, ainda que brevemente, o fato de que quando o estudante acessa os materiais de estudo no AVA/UFMS (pelo sistema Moodle), a organização do ambiente sugere um regime de programação. Assim, sabe-se onde clicar e quais caminhos seguir, a fim de concluir a disciplina. A programação, com seu grau máximo de previsibilidade, gera um conforto ao enunciário, já que os estudantes sabem o que encontrarão, a cada etapa, em seus ambientes de aprendizagem. Nesse sentido,

Semioticamente falando, para que um sujeito possa operar sobre um objeto qualquer, é necessário que tal objeto esteja "programado"; mas a noção de programação remete à ideia de "algoritmo de comportamento" [...] que não apenas delimitam semanticamente esferas de ação particulares, mas que, em certos contextos, permitirão antecipar, até nos mínimos detalhes os comportamentos dos atores (humanos ou não) que deles são investidos. (Landowski, 2014, p. 23)

Tiana Andreza Melo Antunes

No campo da produção, cada professor especialista³ precisa cumprir dez etapas distintas para finalizar a disciplina. Os dois documentos iniciais, a saber, plano de ensino e cronograma, são produções norteadoras para os contornos que a disciplina pretende assumir. Destacam-se, nessa produção, o objetivo geral e os específicos da disciplina, pois são focados nas habilidades e conhecimentos que precisam ser atingidos pelos estudantes. Começa-se, portanto, a construção de um trabalho de interferência mútua, conforme destaca Landowski:

Compartilhada pelos sujeitos, essa competência propriamente semiótica os habilita para se comunicarem entre si e, por isso mesmo, os faz manipuláveis uns pelos outros, tanto em razão de suas respectivas motivações e razões, quanto a partir de cálculos que efetuam no que concerne à competência modal de seus interlocutores. (Landowski, 2014, p. 28)

O documento que merece destaque, dentro dos propósitos do presente trabalho, é o fórum, pois nele o regime de manipulação precisa ocorrer com maior intensidade. Sua elaboração instaura um "tu" a quem é necessário ter o que dizer e produzir o interesse pelo fazer. Assim, ao se recorrer a expressões personalizadas, como "prezado/a, estudante" ou "olá, estudante", e alguns comandos com utilização dos verbos no imperativo, sempre pensados no jogo "eu- tu", constrói-se a simulação de enunciados feitos de modo mais próximo do enunciatário. A ideia geral em torno de manipulação tende a ser negativa, mas, em termos semióticos, a fase de manipulação ocorre quando um sujeito faz o outro querer ou dever fazer algo. E não seria justamente esse pensamento que norteia o estímulo feito com escolhas discursivas dentro desse gênero textual feito pelos professores? Nessa relação, ambos são colocados como sujeitos e não mais - como na programação - sujeito e objeto. Uma dificuldade

³ Professor especialista é aquele que planeja e elabora todos os materiais didáticos de uma disciplina. A delimitação de suas tarefas e dos demais atores desse processo é regulamentada institucionalmente e pode ser encontrada em <https://boletimoficial.ufms.br/bse/publicacao?id=489341>. Acesso em 26 ago. 2023.

Tiana Andreza Melo Antunes

dentro do regime de manipulação ocorre justamente na imprecisão que se tem desse outro sujeito - pensemos no enunciatário aluno -, já que não é possível conhecer em profundidade suas preferências, valores, seus pontos de vista e suas racionalidades (Landowski, 2014). Diante dessa dificuldade, cabe ao enunciador delimitar um enunciatário mais abrangente em consonância com os objetivos norteadores da disciplina, para poder construir textos nivelados ao que se toma como sabido e o que se precisa passar a saber. Esse cálculo informacional e as estratégias de interação se mostram cruciais para o resultado final da disciplina, seja ela qual for. No regime de manipulação, eis então uma definição do que é interagir, segundo Landowski: "Interagir desse modo é, portanto, em primeiro lugar atribuir ao outro ou nele reconhecer 'uma vontade' e, a partir daí, procurar pesar suas razões de agir." (Landowski, 2014, p. 32)

Nos regimes de manipulação, é claro que estamos sujeitos a comportamentos imprevisíveis, entretanto, ainda há a chance de descobrir algum "princípio invariante" (Landowski, 2014, p. 35) que regeria essas ações não previstas. Ao pensar, por exemplo, na produção dos enunciados dos fóruns, que funcionam como etapa obrigatória para que o aluno avance na trilha, mas ainda assim não computam presença nem nota, assume-se o risco de o enunciatário fugir do proposto: pode copiar alguma resposta já dada ou simplesmente responder algo parcial. Portanto, não se deve esquecer que "no ajustamento como na manipulação, as mesmas causas não produzem sempre e automaticamente os mesmos efeitos." (Landowski, 2014, p. 49). Resta, por conseguinte, descobrir estratégias que minimizem o desinteresse do enunciatário e fomentem seu engajamento.

Nos fóruns, há, ao menos, três usos linguísticos que se repetem com a intencionalidade de aproximação com o outro: um vocativo ("prezado/a estudante") – já mencionado –, a solicitação de um convite à participação e um

Tiana Andreza Melo Antunes

término de proposta com "bons estudos" ou um cumprimento do docente. Indica-se, ainda, como ideias norteadoras, buscar o "engajamento e a participação" do outro. Observem-se dois exemplos concretos, extraídos de materiais didáticos do repositório aberto da UFMS: o primeiro corresponde à disciplina "Ead, mídias e tecnologias digitais" e o segundo à disciplina "Ética, cidadania e sociedade", ambas pertencentes ao conteúdo de formação comum de cursos do Programa UFMS Digital⁴:

Prezado/a Estudante!

Espero que tenha aproveitado o conteúdo que acessou antes de chegar aqui.

Aprendemos que a Educação a Distância não é recente e nem sempre foi mediada por tecnologias digitais. No contexto atual, as tecnologias digitais são primordiais para que tenhamos oportunidades de interação e participação online, além do acesso aos recursos digitais e conteúdos educacionais.

As tecnologias digitais na EaD também permitem que o processo de aprendizagem esteja mais centrado no tempo e no espaço do estudante.

Nesse fórum, vamos discutir/compartilhar alguns pontos:

- 1) Na sua percepção, quais são os benefícios da modalidade de Educação a Distância?
- 2) Qual o principal motivo que te levou a escolher um curso de graduação nessa modalidade?
- 3) Quais são os principais desafios que você tem hoje para organizar uma rotina de estudos na EaD?
- 4) Você se sente seguro para utilizar tecnologias digitais de forma mais intensa para aprendizagem?

Para participar do fórum, responda ao tópico iniciado pela tutoria.

Giga abraço,

Profa. Daiani Riedner (RIEDNER, 2023, n. p)

Neste primeiro exemplo, a construção discursiva visa ao interesse de que o outro conceda quatro respostas diferentes, todavia, o diálogo com o "tu" em todas elas demanda que cada participante do fórum conceda uma resposta particular, a partir de sua "percepção" e de seus próprios "desafios". Demanda-se, portanto, um enunciatário que se posicione de modo particular ao produzir um discurso de resposta (o que, em termos práticos, estimularia

⁴ Disponível em: <https://agead.ufms.br/carrossel/ufms-reuni-digital/> Acesso em 23 ago. 2023.

Tiana Andreza Melo Antunes

respostas distintas por parte de cada estudante da disciplina). Veja-se mais um exemplo:

Prezado/a Estudante!
Depois de assistir a aula "Tópicos de ética e educação", passamos a ter conhecimento dos diversos posicionamentos teóricos no que se refere à discussão acerca da produção e da distribuição de alimentos.
No mundo contemporâneo, o que fica evidenciado é que o aumento da população mundial tem tornado a demanda por alimentos um desafio não só econômico ou político, mas também ético.
É preciso saciar as pessoas, mas como produzir tantos alimentos sem pensar na questão do equilíbrio ambiental e/ou do aquecimento global? Qual a sua opinião acerca dessa situação? (DINIZ, 2023, n.p)

Neste último caso, ainda que o discurso oriente para uma resposta pessoal, solicita-se, de alguma maneira, que o enunciatário seja dotado de um saber específico (que entrecruze as temáticas da produção de alimentos com o meio ambiente e o aquecimento global). Neste caso, como o saber requerido é mais específico do que no exemplo anterior e menos pessoal, as respostas da primeira pergunta poderiam ser mais próximas entre si nas postagens. Pode-se, ainda, advogar a estratégia de solicitação de uma narrativa subjetiva, ao se pedir a esse enunciatário que "conte uma experiência", por exemplo, o que teria, em princípio, um grau de subjetividade máximo. Ao aceitar o contrato proposto pelo enunciador, cabe a esse enunciatário tomar uma posição e assumir um fazer, pois "é, afinal, sempre à racionalidade (entendida sob uma ou outra de suas diversas formas possíveis) e às motivações da outra parte, e mais especificamente a sua capacidade de avaliação dos valores em jogo" (Landowski, 2014, p. 50)

No caso dos exemplos analisados, o enunciador se projeta em um narrador de primeira pessoa, que sempre se dirige ao narratário em um tom mais informal e que necessita assumir diversas competências. Tal compreensão perpassa a clareza com que os comandos são organizados

Tiana Andreza Melo Antunes

(contextualização, seguida de perguntas, por exemplo), que buscam que o outro saiba as tarefas que deve realizar e queira realizá-las. De maneira geral,

A implicação de conteúdos, a escolha de uma determinada norma linguística, a citação de textos ou discursos autorizados e o modo de citá-los, a apresentação de argumentos contrários para refutá-los são exemplos de mecanismos argumentativos que podem ser utilizados. Todos esses procedimentos causam efeitos de sentido que impressionam o enunciatário, prendendo sua atenção e provocando sua adesão. (Gomes, 2006, p. 206)

Em comparação aos resultados de Faria e Teixeira (2013), verificam-se dois aspectos similares nos exemplos aqui estudados: "a ideia do espaço para uma conversa [que] corrobora a aproximação entre os jornais e seus leitores (p. 209) - neste caso, entre professor e aluno - e o fato de que dar a oportunidade de o outro ser enunciatário de um comentário amplia "a interação entre os actantes da enunciação" (p. 210), ou seja, estimula a participação (não mais para comentários, mas para distintas produções dentro do escopo de aprendizado).

Conforme nos apresenta, mais uma vez, Landowski (2014, p. 93), "Procurar, assim, fazer o outro colaborar com o próprio projeto, é, portanto, convidá-lo a aceitar uma maneira determinada de hierarquizar os valores." Dito de outra forma, incitamos o outro - neste caso, o estudante - a enxergar valor em nossos valores, nossas propostas. Não se pretende dizer que os demais documentos e vídeos pertencentes à trilha não demandem uma interação dos enunciatários. De modo amplo, todo discurso precisa do fazer interpretativo do enunciatário, conforme apontado anteriormente, o que nunca resulta em passividade diante do discurso ao qual se está exposto, seja quando o estudante está lendo um texto da leitura obrigatória, ouvindo um episódio do *podcast* ou assistindo às videoaulas. Entretanto, por demandarem a produção de novos discursos (respostas aos fóruns), o fórum se constitui, em nossa

Tiana Andreza Melo Antunes

visão, como uma tarefa que demanda clareza do que se quer e como se quer em relação ao novo discurso a ser produzido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um aspecto que vale ressaltar para finalizarmos tais discussões diz respeito ao regime de manipulação é a questão do fracasso. Há sempre uma possibilidade de as estratégias não alcançarem o resultado desejado se se aplica a manipulação que não funciona com o outro. Por isso, os exemplos trazidos aqui não esgotam os discursos e possibilidades de manipulação já realizados nos materiais didáticos do repositório. São exemplos que apontam caminhos possíveis, já que os docentes, mesmo seguindo um planejamento, têm liberdade para adaptar seus comandos para satisfazer às necessidades da disciplina.

A questão que nos fica é: seria possível tecer práticas que nos levassem de modo mais concreto a um regime de ajustamento? Na proposição de Landowski, é possível adaptarmos uma máquina para que se ajuste ao usuário, isto é, que saia do regime da programação para o ajustamento. Nesse sentido, fica a reflexão de como devemos (e se devemos) delinear nossas práticas e materiais para que o ensino se torne mais centrado nesse ajustamento sensível que a teoria elucida. Do ponto de vista ainda da produção de materiais, o regime de ajustamento pode ocorrer, em um nível macro, nas alterações que são feitas ao longo do tempo, com base nos erros e acertos de fases anteriores e, também, com base nos feedbacks recebidos dos participantes do processo. Postulando-se que não há regimes piores ou melhores, mas apenas aqueles mais adequados às circunstâncias diversas de nossas práticas sociais, a interação almejada no processo de ensino-aprendizagem nos moldes da Agead/UFMS tem se revelado eficaz.

Tiana Andreza Melo Antunes

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. de. **Teoria semiótica do texto**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2008.
- DINIZ, L. F. [BACKUP MOODLE] ÉTICA, CIDADANIA E SOCIEDADE <https://link.ufms.br/59jw5> Acesso em 24 ago. 2023.
- FARIA, K.; TEIXEIRA, L. Interações no jornalismo on-line. In: TEIXEIRA, L.; CARMO JR., J. R. do. **Linguagens na cibercultura**. São Paulo: Estação das Letras e cores, 2013.
- FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2 ed. São Paulo: Ática, 2005.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- GOMES, Regina Souza. Teoria semiótica e ensino de redação. **Ensino de Letras**. Cadernos do CNFL. Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. X, nº 7, p. 202-216, 2006.
- HOUAISS, A. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4 ed. rev. e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- LANDOWSKI, E. **Interações arriscadas**. Trad. Luiza Helena O. da Silva. São Paulo: Estação das Letras e cores: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2014.
- RIEDNER, D. D. T. [BACKUP MOODLE] EaD, MÍDIAS E TECNOLOGIAS DIGITAIS. 2023. Disponível em: <https://link.ufms.br/fM1CB> . Acesso em 24 ago. 2023.
- UFMS. Aprova o Plano de Ação: Produção, Validação e Atualização de Materiais Didáticos da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Resolução n. 854 - COGRAD/UFMS, de 15 de maio de 2023. Disponível em: <https://link.ufms.br/hx7ao> . Acesso 26 ago. 2023.

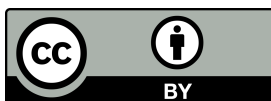
Sobre os autores

Tiana Andreza Melo Antunes

Bacharel e licenciada em Português-literaturas pela UFRJ, mestre e doutora em Língua Portuguesa pela mesma instituição. Atualmente, é professora adjunta do curso de Letras do campus de Coxim da UFMS.

E-mail: tiana.antunes@ufms.br

Licença de acesso livre



A **ESUD | CIESUD** utiliza a [Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), pois acredita na importância do movimento do acesso aberto ao conhecimento.